

# Do xamanismo à individuação: a loucura como doença inciática em João Padre

17

**José Alexandre Vieira da Silva<sup>1</sup>**

Instituto Federal do Mato Grosso

**Resumo:**

Neste artigo, veremos, na presença da personagem João Padre, de *A Travessia dos Sempre Vivos* da escritora mato-grossense Tereza Albues, elementos que possam caracterizá-lo como Xamã. Todavia para alcançar tal *status*, ele precisará enfrentar sua própria Sombra – simbolicamente expressa na loucura – por meio da configuração do crescimento psíquico, do primeiro acesso ao inconsciente, da realização da Sombra na integração no *self* e do seu aspecto social.

**Palavras-chaves:** Xamanismo. Loucura. Individuação. Sombra. Self.**Resumen:**

En este artículo veremos, en la presencia del personaje João Padre, de *A Travessia dos Sempre Vivos* de la escritora matogrosense Tereza Albues, elementos que pueden caracterizarlo como Chamán. Empero, para alcanzar tal *status*, necesitará enfrentar su propia Sombra – simbólicamente expresada en la locura – por medio de la configuración del crecimiento psíquico, del primer acceso al inconsciente, de la realización de la Sombra en la integración en el *self* y de su aspecto social.

**Palabras clave:** Chamanismo. Locura. Individuación. Sombra. Self.

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás.

## 1 CONFIGURAÇÃO DO CRESCIMENTO PSÍQUICO: VOCAÇÃO E AS DOENÇAS INICIÁTICAS

Segundo Mircea Eliade, existem três formas de se tornar Xamane: a primeira, por vocação mística, através do chamado ou eleição; a segunda, por transmissão hereditária e, por último, por decisão pessoal, “ou mais raramente, pela vontade do clã”. (2000, p. 83). De acordo com esse historiador das religiões, o xamã surge na tribo como um “Ser diferenciado” que, ao manifestar comportamentos bizarros, declara sua condição de “iniciado. (ELIADE, 2002).

Em nossa análise, porém, dentre todos esses passos dados para a confirmação da eleição xamânica, nos deteremos na síndrome da vocação mística, porque entendemos que ela se exterioriza e se presentifica na personagem João Padre, do romance “Travessia dos sempre vivos”, de Tereza Albues o qual, como apontaremos a seguir, mantém, quase sempre, um comportamento estranho de solidão, sonhos e visões e que pode ser visto pelo seu viés simbólico, representando o “caos pré-cosmogônico” na loucura, pois o “ regresso ao caos equivale, para o homem das culturas arcaicas, à preparação de uma nova “Criação”.

Antes de prosseguirmos na busca de respostas a esses questionamentos, falemos um pouco da autora desse romance. Tereza Albues nasceu em Várzea Grande, em 1936, no Estado de Mato Grosso, e viveu por 25 anos nos Estados Unidos, onde faleceu em 05 de outubro de 2005.

Formada em Direito, Letras e Jornalismo, começou a escrever no exterior, mas a vivência na sua terra, plena de lendas e dramático realismo, foi fundamental para a construção do seu universo literário. De acordo com a romancista, seus escritos representam uma mistura entre a rica experiência vivida no Brasil e a progressiva incorporação de outras culturas. É exatamente isso que veremos no romance analisado neste artigo, que foi publicado em 1993, cuja temática é a vida do bisavô da personagem-narradora chamado João Padre. Esse homem rompe com os dogmas da Igreja ao largar a batina para se casar com uma negra, tornando-se, em Livramento-MT, uma figura contraditória. Para uns, trata-se de um santo, para outros, apenas um “doido-varrido”

que percebemos ser simbólica no romance ora apresentado, pois nela é passível de ser detectado a “loucura” dos futuros xamanes, no seu “caos psíquico”, e isso é indicativo de “que o homem profano está em vias de se ‘dissolver’ e de que uma nova personalidade está a ponto de nascer. (ELIADE, 2000, p. 89)

João Padre traz essas marcas, e, por conseguinte, o comportamento dessa personagem será interpretado pelos habitantes de Livramento/MT, espaço eleito para a narrativa romanesca, como indício da loucura que se aproxima. Mas, para atingir esse nível de conhecimento, aquela personagem precisou passar, também, por duras provas iniciáticas:

19

Livramento amanheceu em alvoroço. Vizinhança matraqueando, varrendo calçadas, molhando folhagens, jarras de flores nos parapeitos, reposteiros engomados, cortinas de rendas ao sol pra espantar o cheiro de naftalinas [...] Finalmente Livramento ia receber o seu primeiro pároco, a cidade em festas, todo o mundo se sentindo convocado pra esperá-lo na estação [...] À frente dum cortejo, moleques em alarido na maioria, aproximava-se padre João Pedro cavalgando o burrico Jaconé, puxado pelo cabresto por Miguelito, um garoto de doze anos. Encharcado, lama respingada nas orelhas, cabelos, canto dos olhos, batina amarrotada, parece um mendigo, cochichou Biá. (ALBUES, 1993, p.11)

Nessa cena em que se descreve a primeira aparição de João Padre em Livramento, têm-se já algumas imagens que podem ser associadas aos ritos de passagem exigidos para se alcançar o nível de percepção de um verdadeiro *xamane*. O primeiro deles é o despojamento dos bens materiais, e o segundo é o tema da viagem.

Interessante a conformidade dessa descrição da chegada do padre João com aquela descrita pela tradição judaico-cristã referente à entrada de Jesus em Jerusalém. Semelhante ao Cristo, essa personagem irá se desprover dos luxos e pompas seculares, ao trocar o meio de transporte usual dado aos líderes de alta estirpe pelo “burrico Jaconé”.

Mas há, segundo Eliade (2000, p. 83), um outro comportamento denotativo de sua vocação mística que é a procura pela solidão, traço denotativo da personalidade de João que já se evidencia nos primeiros contatos sociais com a elite da cidade de Livramento:

Padre João Pedro encontrou Gisá e Biá esperando por ele na sala de visitas. [...] conversaram sobre a viagem, Gisa descreveu a recepção e o banquete preparados em sua homenagem, chorosa falou da decepção que sofrera ao ver que tudo fracassara. O padre disse que não havia razão pra tanta festividade, sou um servo de Deus, quero viver em recolhimento e meditação, com licença, retirou-se bruscamente para o quarto. Surpreendidas as irmãs Pessegueiro nem tiveram tempo de lembrá-lo do jantar. (ALBUES, 1993, p.11)

Segundo Bachelard (1989, p. 42), é na ausência provocada pela solidão que a proximidade é maior, e João Padre a abraça agradecido, pois, assim, ele pode se entender tão bem com Deus e consigo mesmo. E assim, na solidão de seu quarto, no momento em que se preparava para realizar sua primeira missa na cidade, que o padre João terá a primeira visão daquilo em que um dia se transformaria:

Não conseguia me concentrar na importância do que estava prestes a realizar e me questionava: Mas não foi para isso que me preparei a vida inteira? Me olhei no espelho enquanto esfregava a toalha branca na cabeça tentando secar os cabelos encaracolados que insistiam em respingar no assoalho a água cristalina do córrego de Sauá. Enrolava e desenrolava a toalha brincando com os cabelos, jogando-os na testa, pra cima dos olhos, pra trás, pros lados. De repente, fixei a toalha na cabeça, prenti as pontas por baixo, com dedos ágeis trançava um turbante muito bem elaborado, onde aprendera? Com o turbante branco, meu rosto se transformando, na mente a voz de comando: Vista a batina! Busquei-a no armário, obedeci. No espelho a imagem do homem que tantas vezes aparecera nos meus sonhos (ou delírios) me olhava profundamente. Envolto numa intensa luz, som de flautas invadindo o quarto, em êxtase eu o contemplava quase me desprendendo de mim. Ele se parecia tanto comigo, mas não era a minha imagem refletida no espelho. Muito moreno, lembrava um indiano, usava túnica branca bordada aberta no peito, calças folgadas da mesma cor, tecido leve de algodão, sandálias de couro escuro [...] (ALBUES, 1993, p.13)

Essa visão, através das irrupções da imagem refletida no espelho, dos sonhos e epifanias proféticas, segundo Von Franz (in Jung, 2008), aponta a primeira etapa rumo à individuação que é o acesso ao inconsciente através do *self*, ou Centro, ou Si Mesmo, que é uma parte integrante da psique que permite a integração com essa teia de fatores psicológicos.

O self pode ser definido como um fator de orientação íntima, diferente da personalidade consciente, e que só pode ser compreendido através da investigação dos sonhos de cada um. E esses sonhos mostram-no como um centro regulador, centro que provoca um constante desenvolvimento e amadurecimento da personalidade. Mas esse aspecto mais rico e mais total da psique aparece, de início, apenas como uma possibilidade inata. Pode emergir de maneira insuficiente ou, então, desenvolver-se de modo quase completo ao longo da nossa existência; quanto ao que vai evoluir depende do desejo do ego de ouvir ou não suas mensagens. (VON FRANZ in JUNG, 2008, p.229)

Assim, para que João Padre possa alcançar a individuação, precisará participar de uma demanda em que o próprio conhecer está ligado a uma sabedoria de forma associativa entre o saber e o ser. Nesse processo, o indivíduo segue um caminho em direção ao centro de sua psique, que o orienta para um caminho de retorno não mais tomado pelo caos, medo e desordem, mas sim integrado em seu movimento psíquico, ajudando-o a lidar melhor com a angústia, a insatisfação e a dor.

## **2. INICIAÇÃO E O PRIMEIRO ACESSO AO INCONSCIENTE**

Nas questões iniciáticas, o simbolismo relacionado às imagens de morte e ressurreição acompanham sempre a metamorfose do neófito. De acordo com Lascariz, esses ritos, no passado, revelavam-se, com a gravidade próxima do terror, “[...] como forma desesperada de conservar a clarividência objetiva dos Deuses e do Mundo Espiritual, face à opacidade do novo mundo profano. (2009, p. 23-24).

Assim, a iniciação não era somente algo relacionado a um rito solene de passagem, uma cerimônia de graduação de aprendizado ou de aceitação corporativa numa ordem religiosa, “era o despertar da clarividência antiga para a imensidão viva do Cosmos e da Terra através da Arte do Saber Fazer. Era uma comunhão corporal e espiritual com Génios, Demónios e Deuses!” (LASCARIZ, 2009, p. 24).

Ao transpormos, porém, esses aspectos para uma leitura de viés psicanalítico, podemos encontrar certas similaridades com a segunda etapa do processo de individuação que se relaciona com o “primeiro acesso do consciente”. Para Von Franz (2008, p.237), esse momento

apresenta-se sempre de forma traumática, a partir de elementos que favorecem a dor do rompimento daquilo que se considerava padrão e normal. Trata-se do choque necessário para o desenvolvimento de um caminho que antes não era considerado válido ou mesmo necessário.

Nesse processo, a lesão à personalidade toma forma de uma grande frustração, fazendo com que nossa personalidade e a maneira de como nos relacionamos com o mundo sejam gravemente atingidas. Nosso lugar seguro de relação e de conformação torna-se mais tênue, flexível e desorientado.

Esses aspectos, aliás, vêm ao encontro do que Eliade afirma ser a condição essencial para o início de todo e qualquer ritual iniciático, pois “morte/ressureição” pressupõe “justamente o desenlace da crise psíquica desencadeada pelos primeiros sintomas da vocação. A iniciação traduz-se, entre outras coisas, por uma nova integração psíquica”. (ELIADE, 2000, p. 86).

No romance *A Travessia dos Sempre Vivos*, a lesão à personalidade a que nos referimos acima é simbolizada no momento em que João Padre, ao se olhar no espelho, percebe que sua imagem refletida é a de um outro homem, o que lhe causa uma sensação profunda de desconforto e estranhamento.

Uma sensação estranha de que eu nascia daquele homem e, ao mesmo tempo, ele saía do meu corpo e se projetava no espelho. Seria uma parte de mim ou a universalidade de meu ser se desdobrando em diversas camadas de energia branca? Bateram na porta, do outro lado a voz alegre de Gregória: Tá precisando de alguma coisa, padre? Tá quase na hora da missa. Não precisava de nada, apenas agarrar o meu espírito, trazê-lo de volta, fazer sumir o homem do espelho, me recompor pra cumprir a missão que me estava destinada. (ALBUES, 1993, p.13)

A dualidade dessas imagens sugere aquilo que a personagem é, embora, ao mesmo tempo, remeta para aquilo em que ela irá se transformar. Visto dessa forma, essa dualidade pode ser considerada a confirmação do início ritualístico para a metamorfose xamânica, podendo ser associada àquele desmembramento simbólico que o corpo do futuro xamane terá que sofrer para ressurgir como um novo ser.

Restaurar essa condição primordial é tema de muitos ritos presentes em diversas manifestações religiosas do mundo, inclusive nas buscas do êxtase das iniciações xamânicas, em que o escolhido, ou o eleito, deve abandonar a sua condição carnal para se tornar transcendente. É nesse ponto que percebemos a inserção do ideal de libertação que João Pedro quer alcançar. Para que ele consiga atingir esse estágio, a personagem precisa despojar-se da atual condição para assumir a sua vocação maior, qual seja, “a de reintegrar a condição de homem primordial de que nos falam os mitos paradisiacos”, reatualizando, mesmo que provisoriamente, “o estado inicial da humanidade”. Assim, padre João, na estatura de xamane como será apresentado mais adiante, não precisará subir ao céu em carne e osso, como fazia o homem nos tempos míticos, “mas apenas em espírito, pela via da libertação carnal”. (ELIADE, 2000, p. 107).

Porém, antes que isso ocorra, será exigido dele – de igual modo ao que acontece com os neófitos xamânicos – uma iniciação nos mistérios que só será atingida no fim de sua trajetória, após o mergulho “catabático” da total despersonalização de si mesmo, vivido após os acessos de “loucura” e total abstração do “real”. Essa é a realização da sombra no futuro xamã, através da doença iniciática que se aproxima.

### **3 ANIMAIS TUTELARES E AS METAMORFOSES NA DOENÇA INICIÁTICA E REALIZAÇÃO DA SOMBRA**

Essa transformação terá início no momento em que recebe uma carta de seu pai, informando-o de que, a partir daquele momento, deveria desconsiderá-lo como pai, em virtude da decisão de abandonar o sacerdócio e de se casar com uma negra: “Você não é mais meu filho, por favor me esqueça”. (ALBUES, 1993, p. 31).

O choque dessa revelação causará uma ruptura psicológica em padre João que o acompanhará até os seus últimos dias.

Desesperado corri pras bandas do córrego Sauá, sentei-me do barranco, cobri a cabeça de areia molhada, chorei de angústia e solidão, de Cristo no Calvário a mesma pergunta: “PAI, POR QUE ME ABANDONASTE?” Um peixe prateado passou veloz ziguezagueando entre as pedras, sua sombra luminosa espalhada na superfície acariciava o reflexo do meu rosto granulado de luz

boiando no balanço vivo das águas. Me deixei levar, em ondulações me transformei batendo molemente nas aguapés das margens, harmonia e entrega à natureza, paz momentânea, a imagem do meu pai me impondo exílio e silêncio se colocou na cabeça do córrego, atirava-me nas águas cristalinas, virava peixe, nadava ao toque da brisa morna que vinha dos saranzais, na nudez da pele as duras escamas me tornavam invulnerável aos conflitos humanos. Habitava noutro reino, não seria reconhecido pela dor, deixara de ser o alvo de castigos impostos pelos homens, camuflado que estava na aparência de aquático. (ALBUES, 1993, p.31)

A sensação de abandono provocada por aquela notícia é responsável pela metamorfose da personagem que imagina ser um peixe mergulhando nas águas do Sauá. Essa imagem nos aproxima do animal tutelar, simbolismo essencial nas iniciações xamânicas, e que, segundo Mircea Eliade, essa transmutação é indicativa da participação dos futuros xamãs como um ser diferenciado e superior aos demais, pois

Graças à capacidade de deixar impassivelmente o seu corpo, o xamã pode à vontade *comportar-se como um espírito*: voa pelos ares, torna-se invisível, consegue ver a distâncias consideráveis, sobe ao Céu ou desce aos Infernos [...] O poder de se metamorfosear em animais, de matar à distância, ou de predizer o futuro também faz parte dos poderes dos espíritos; ao exibí-los, o xamã proclama que participa na condição dos seres desencarnados. (ELIADE, 2004, p.153)

Diante disso, percebemos que em *A Travessia dos Sempre Vivos*, a escolha do peixe como animal representativo desse poder não é aleatória. Segundo Geoges Romey (1999), esse animal, por viver em um ambiente ainda não totalmente conhecido do homem, o faz representante de um ser secreto, cheio de magia.

Como o mundo do peixe é o do silêncio, ele encontra correspondência na alma humana, a qual, assim como esse animal, percebe o universo aquático “como o mundo em que reina, ou deveria reinar, através do silêncio”. Por essa razão, o simbolismo do peixe é indissociável ao ambiente em que vive: a água, que é símbolo de renovação universal da vida, sendo, por isso, bastante significativa no processo de iniciação xamânica.

Devemos ressaltar, contudo, que “águas” e “peixes” nem sempre foram relacionadas, exclusivamente, aos símbolos de vida e de sua renovação. Para muitos, elas podem representar, em alguns momentos, o mitema do pecado agregado ao sentimento culpabilizador e, por extensão, “ao mal-estar neurótico e da morte”. (MALTEZ, 2011, p. 404). Na literatura, uma quantidade relevante de exemplos mostra que a água é, antes de tudo, a profundidade perigosa de um mundo escondido. Assim, como não reconhecer, neste império aquático, a representação do inconsciente?

Sabe-se que o mundo onde o homem evolui, habitualmente, é aquele captado pelos sentidos, feito de coisas visíveis, de expressões audíveis e de pontos de apoio sólidos. Esse mundo, simbolizado pela terra firme, pode representar a consciência lúcida e limitada. Já a imensidade pressentida das forças inconscientes, das quais os pontos de apoio do pensamento racional estão ausentes, exprime-se, geralmente, pela imagem da profundidade das águas. Por isso, no fragmento, a água pode conotar, também, o subconsciente da personagem que, na profundidade de sua alma, encontra resistência para superar a situação adversa provocada pelo abandono de seu pai. Assim, o peixe pode ser considerado “um animal psíquico”. (CHEVALIER; GHEERBRANT 1990, p. 22).

Dessa forma, essa imagem só vem reforçar a ideia de que é na irrupção do inconsciente que o conflito do homem se instaura, pois ele é composto de imensas potencialidades que ainda não foram integradas no consciente. No romance, esse conflito é simbolizado na imagem do anzol que fiska o peixe, representando o papel da irrupção do inconsciente para o consciente, tornando perceptível, à personagem, o seu verdadeiro estado de dor e abandono.

Transparente abrigo, fugaz liberdade, me esquecera da persistência do pescador, súbito a farpa afiada do anzol rasgando as guelras, a dor irrompendo, encrespando as águas do Sauá, de novo o grito se materializando independente de mim: PAI PORQUE ME ABANDONASTE? O vento deixou de soprar, os saranzais emudeceram, nenhuma resposta ouvi das águas, com silêncio e esquecimento meu algoz me castigaria, até quando? (ALBUES, 1993, p.31)

Esse trecho nos possibilita compreender que a metamorfose da personagem em peixe objetiva encontrar o mesmo que o mecanismo de recalçamento persegue, ou seja, a paz, o esquecimento da lembrança desagradável do abandono e a supressão do remorso. Porém, o processo parece ser ilusório, já que a tentativa de empurrar o recalçamento para o inconsciente faz aparecer uma angústia culpabilizante. O peixe visto nessa perspectiva pode representar, ao mesmo tempo, a água e os elementos que esta dissimula. Dessa forma, a água é, ao mesmo tempo, a vida e o que as suas profundezas podem encobrir de perturbador, tornando o simbolismo do peixe semelhante ao mergulho nas profundezas e o reencontro do sentimento de culpa.

Confirmando tudo isso, Jung (1986, p. 109) afirma que o peixe significa uma integração do inconsciente, lição aprendida no mito de Jonas em que esse animal aparece subentendido, pois a sua aventura é a representação mais conhecida do perigo de ser engolido pelas forças do inconsciente, além do apelo ao combate heroico, ou seja, ao confronto com as pulsões inconscientes.

Percebemos assim que os conteúdos recalçados são noções desagradáveis que aparecem para João Padre como recordações repletas de sofrimentos ou remorsos recusados pela consciência. Por essa razão, o pescador que fisga o peixe captura o que está escondido sob as águas, passando a representar os valores inconscientes, sejam eles: os sentimentos de culpa, que trazem à luz da consciência, com o esforço da lucidez, ou o sofrimento que essa revelação provoca na personagem, pois “a farpa afiada do anzol rasgando as guelras” causa-lhe dor lancinante.

A visão da transmutação de João Padre em peixe é entendida como elemento salvador. Mas será que esse ser aquático, realmente, salvará João Padre ao lhe mostrar outro caminho? E que caminho seria esse?

O caminho apontado a João Padre é o da “superfície da água”. Num plano simbólico, a água pode representar a fronteira entre dois mundos: o universo manifestado e o mundo interior, o visível e o desconhecido, ou seja, a consciência e o inconsciente. Essa noção de

fronteira conduz à associação com a pele, separação natural entre o interno e o externo. Daí a ligação literária entre as duas imagens no fragmento: a “nudez da pele” e “as duras escamas” que o “tornavam invulneráveis aos conflitos humanos”.

Em resposta à pergunta acima, percebemos que essa pele que ninguém pode ferir é a fronteira que ninguém pode atravessar sem o auxílio do guia representado na trama pelo pescador. Considerado o impulso vital autêntico da lucidez, o guia conduzirá João Padre aos tesouros do inconsciente, evitando que este se defronte com os perigos da dispersão esquizofrênica.

A ruptura com a realidade, porém, é iminente, pois João Padre sempre lutará entre a lucidez e sanidade. Todavia, esse conflito, sob o aspecto dos ritos iniciáticos xamânicos, é uma indicação de que a doença que se anuncia, também, seja libertadora.

#### **4 A CURA PSÍQUICA E A TRANSCENDÊNCIA: O ENFRENTAMENTO DA SOMBRA E A INTEGRAÇÃO DO *SELF***

Será na carta de Otacílio, irmão caçula de João Pedro, que teremos o início à irrupção psicológica que mencionamos acima. Nela, a personagem é informada de que seu pai morrera vítima de um derrame cerebral, e o resultado dessa notícia é devastadora para a personagem:

Fiquei em estado de choque, sentado dois dias num mocho de couro, arrasado. [...]. Abatido, cabeça explodindo, esquecido dos meus afazeres zanzava pelas ruas atormentado, me embrenhava na várzea úmida entre sapos e sinimbus gritando minha mágoa, voltava pra casa altas horas da noite, extenuado. Mergulhei na oração e no jejum precisava me preparar espiritualmente para receber a mensagem do meu pai que só viria com mortificação e penitência, estava convencido. [...]. Andava solitário pelas ruas, dificilmente cumprimentava ou parava pra conversar com alguém [...] ia consigo mesmo falando baixinho, gesticulando, argumentando, os passantes não ousavam interrompê-lo, inspirava respeito nos que o conheciam, medo os mais distantes. [...] Mudanças repentinas no comportamento, depressão e euforia, falava sem parar pra uma plateia inexistente ou caía num mutismo prolongado, escolhia um local da casa e dali não se afastava em meditação profunda, braços erguidos, o corpo imóvel. (ALBUES, 1993, pp.34-35)

Nesse momento, detemo-nos naquilo que pensamos ser o início da manifestação da doença iniciática xamânica, em que João Pedro entra em um profundo estado de depressão, perseguido pelo sentimento de culpa.

Há, nesse relato, um aspecto que julgamos ser importantes para que se identifique a vocação xamânica da personagem e que está relacionado ao refúgio da personagem originado pelo sofrimento e sentimento de culpa que a assola.

Nas iniciações xamânicas de diversas etnias que ainda cultuam alguma forma de “religiosidade primitiva”, tem-se como indicativo da eleição desses líderes espirituais, exatamente, esse aspecto, ou seja: a busca da solidão como possibilidade de contato com os espíritos dos ancestrais, dos animais totêmicos e dos deuses, tanto os das alturas como das profundezas, o que torna o futuro xamane conhecedor de toda a amplitude da natureza que permeia a vida do homem. É por isso que

[...] a iniciação xamanística revaloriza a experiência sensível, tornando-a capaz de aprender mais diretamente o sagrado. [...] Durante a sua iniciação, o xamane aprende a penetrar em outras dimensões do real e a manter-se aí: as suas provas sejam elas quais forem, forjam-lhe uma “sensibilidade” capaz de perceber e integrar essas novas experiências. A crise psicopatológica espelha a iluminação da experiência normal profana: “escolhido” por potências sobrenaturais, o futuro xamane já não resiste, com a sua antiga “sensibilidade”, à experiência iniciática. Quase se poderia afirmar que, graças a todas estas provas, a atividade sensorial do “eleito” tende a tornar-se uma hierofania: através dos sentidos estranhamente agudizados do xamane, manifesta-se o sagrado. (ELIADE, 2000, pp.89-90)

Assim, a “síndrome da doença” de João Pedro, precisa ser vista não como loucura ou neurastenia, mas como um processo de desencadeamento iniciático, ou “doença iniciática” como quer Eliade. (2000, p. 85). Vista dessa maneira, a “loucura” da personagem e o estado de precariedade e solidão descritos anteriormente são entendidos como simbolismo da morte mística, pois assumir a “eleição” sobrenatural traduz-se pelo sentimento de ter sido abandonado às potências divinas ou demoníacas, isto é, “votado a uma morte iminente”.

Assim, a “loucura” de João Pedro representa, em sua iniciação xamânica, o simbolismo do regresso ao “caos cosmogônico”, ponto de origem de todas as coisas, sinalizando que o homem profano está em vias de se “dissolver” enquanto uma nova personalidade se prepara para nascer.

Esse recomeço terá início no encontro de João Pedro com o seu pai já falecido e em sua queda no precipício:

Me afastei da multidão, segui entre os bambuzais ladeando a margem esquerda do rio, o povo foi minguando até que desapareceu. Deserto, noite escura, nevoenta, vaga-lumes ajudando na iluminação, a barulheira dos festeiros distante, amortecendo à medida que eu caminhava afundando os pés na lama, carrapichos, cansação, capim-jaraguá. Uma força me impulsionava, ao me indicar no ponto exato, parei. Taramueiros e paineiras copadas se arqueavam quase lambendo as águas que vinham bater levemente numa nesga da praia de areia vermelha. Sentei, pernas cruzadas, braços abertos, orei ao Divino Espírito Santo. Acendi uma vela, esperei, olhos fechados, até que a força que me guiava mandou que olhasse pra dentro d'água. Uma chama azul flutuando em círculos foi se alargando, alargando até virar uma imensa claridade plana. Bem no centro o rosto de meu pai, sorria para mim. Pai a sua bênção. Deus te abençoe, meu filho, e te faça feliz. Em segundos a luz azul clareou, se misturou com a cor da água, dissolveu a imagem procurando alcançá-la, pai, não me deixe sozinho, voltei à tona com as mãos cheias de barro mole escorrendo entre os dedos. Comecei a correr gritar que ele voltasse, que dele não queria me separar de novo, despenquei num precipício escuro, nada enxerguei. (ALBUES, 1993, p.37)

Esse momento, no romance, está caracterizado, segundo Von Franz (2008), com o encontro e enfrentamento da “Sombra” e que pode tanto ser de forma “negativa ou positiva”. (VON FRANZ in JUNG, 2008, p. 239).

No caso de João Pedro, esse enfrentamento está relacionado à figura do pai, que, desde o início de sua jornada, se opõe a sua decisão de largar a batina e seguir os ditames de seu coração. Esse enfrentamento significa confrontar-se com a própria Sombra, abandonando toda dúvida para assumir sua verdadeira condição.

Assim, sem o pai para lhe orientar, João tem de fazer escolhas que irá afetar sua própria vida. Esse é o momento de revelar toda a sua missão e de se colocar à prova. Apoiados, justamente, nessa força que os induzem para o abismo, João Pedro e o pai continuam a lutar para além da luz e do conhecimento.

Porém, essa percepção ainda está longe de ser entendida por João Padre. Essa incompreensão é simbolizada, no fragmento, pela imagem da personagem despencando “num precipício”, depois da visão que tem do seu pai falecido.

No momento em que ocorre esse encontro, o contato com o sagrado é brutal, estabelecendo a “queda” no lugar da “descida”. Vale ressaltar que esse processo, no texto, encontra-se constelado na imagem da terra ligada a uma constelação simbólica específica: a da “terra mãe terrível”. Assim, o arquétipo do caos é a concretização nefasta da “terra mãe” vingativa e que irá receber o corpo de João Padre.

A disposição dessas imagens, na relação estabelecida com a “queda” no precipício, faz com que João, ao tomar consciência do ocorrido, acorde louco, enxergando-se

[...] sujo, rasgado, cabelos e barbas desgrenhados, expressão em fogo, olhos fuzilantes, ameaçadores, vociferando palavras desconexas, em pé, postura de guerreiro, gesticulando, empunhando sabre ou espadas invisíveis. [...] o delegado chamou Teodora num canto, a senhora está ouvindo, não tenho outra alternativa, vou ter que mandar prendê-lo, ele está completamente louco. (ALBUES, 1993, pp. 37, 40)

A loucura descrita acima já não será identificada como um instrumento de libertação, mas sim de aprisionamento e exclusão. Segundo Eliade, isso acontece devido à alteração do regime sensorial provocada pelo fato de a “eleição” não ser totalmente entendida, pois “o homem tocado impunemente pelo raio adquire uma ‘sensibilidade’ inacessível ao nível da experiência profana”. (2000, p. 90).

Nessa perspectiva, aquilo que é esclarecimento para a personagem é visto como loucura pelos demais, pois a destruição de todas as estruturas anteriores será a marca de sua eleição. Assim, João torna-se outro, sentindo-se não só morto e ressuscitado, mas também nascido noutra existência, aceitando de bom grado o chamado:

Eu não quero adormecimento, preciso de claridade instigante que me mantém alerta, da paixão que sacode as entranhas, da ferocidade que arrebenta a mornidão da hipocrisia. Se por isso me chamam de louco quero que a loucura cresça em mim como a labareda do Divino Espírito Santo em abrindo as porteiras na vastidão dos mistérios do universo. Quero ser o archote que mesmo aprisionado na caverna escura da ignorância mantém-se vivo na integridade da luz, arde perenemente. (ALBUES, 1993, p.40)

Segundo Eliade, essa experiência iniciática pode durar muito tempo, porque a modificação de sensibilidade obtida espontaneamente pela prova de um acontecimento insólito “é laboriosamente procurada durante o período de aprendizagem por aqueles que buscam a obtenção do dom xamanístico, e isso pode durar anos [...]” (2000, p. 91).

Essa será também a busca de João durante algum tempo. A fim de compreender com exatidão tudo o que lhe vem acontecendo, ele tentará reviver, através da reclusão, sua percepção. Por isso, decide sair de Livramento com sua família e vai morar no sítio “Tanque Fundo” do amigo Antenor Silvério.

Na viagem para Tanque Fundo, João Pedro põe-se a lembrar todos os acontecimentos em que fora protagonista até aquele momento:

No balançar da carroça, fechei os olhos, refletia sobre minha vida. A fase difícil do rompimento com meu pai que parecia ser a causa de todo o meu sofrimento havia sido superada, entretanto eu continuava angustiado, atormentado por questionamentos existenciais que me colocavam sob tamanha tensão que a única saída era o grito, arrancar as roupas, buscar qualquer forma de alívio para não morrer. Agora estava deixando Livramento, obrigado a fugir como um criminoso porque se ficasse seria preso, fui condenado sem julgamento, nenhuma possibilidade de defesa, também não me escutariam, falo uma linguagem diferente e eles se fazem de surdos. Eu incomodo, agrido, contesto, o elemento estranho deve ser expulso, pode representar ameaça de desagregação na atmosfera do cotidiano comportado, sou perigoso. Estamos indo para Tanque Fundo, segundo Teodora em busca de paz, ela não sabe que o estado de serenidade nada tem a ver com a ambiência exterior que nos cerca. Mas a intuição me diz que o sítio do Antenor será um proveitoso intervalo pra descanso, a viagem continua, talvez nunca tenha paradeiro. (ALBUES, 1993, p.41)

A personagem, em solilóquio, discorre sobre as possíveis causas de seu comportamento inusitado, manifestando não entender o fato de a “cura” não ter acontecido, já que o problema com o pai falecido parecia já superado. Para expressar a dor que o acompanha, ele recorre à única forma de escape: o seu grito de dor e desespero.

Muito se tem anunciado que o grito permite reencontrar emoções esquecidas. Entendemos, porém, que essa atitude representa algo muito maior e profundo. Aliás, a “profundidade” destacada no fragmento acima se expressa no grito que reverbera em uma de suas imagens consteladas. No texto destacado, portanto, o tema da descida e subida encontra o seu simulacro no grito que emerge das profundezas da garganta.

Essa ideia encontra o seu homólogo em outra imagem relacionada ao tema da profundidade. Trata-se de “Tanque Fundo”, nome do sítio onde João Pedro irá morar. Nessa imagem, mais uma vez o sentido de deglutição é expresso: o tanque, tal qual o tempo, engole.

Isso pode representar, em um primeiro momento, a desintegração da personagem e, como consequência, a perda de sua identidade. Vista dessa maneira, parece ser isso que se quer alcançar, pois, na perspectiva de abordagem iniciática, deve-se exatamente ressaltar a morte e o renascimento da personagem. Portanto, a imagem da morte simbólica a ser experimentada por João é reduplicada pela imagem do tanque e de seu isomorfismo o “poço”.

Em muitas culturas, esse reservatório de água é considerado como uma via de comunicação com a morada dos mortos. Além disso, considerado de baixo para a cima, o poço tem a possibilidade de ser visto como uma espécie de “luneta gigante”, apontada do fundo das entranhas da terra para o polo celeste. Portanto, nessa perspectiva, a nova morada de João Pedro constituirá uma ponte ou um elo que aproxima os vários níveis possíveis de uma evolução espiritual, indicando-lhe uma possível “cura”.

Contudo, a vida em “Tanque Fundo”, antes que isso aconteça, seguirá seu ritmo, com Teodora fazendo o trabalho de parteira e João Pedro, agora conhecido como João Padre, ajudando nas rotinas domésticas. Nas ausências da esposa, ele “ficava em casa com as crianças, dava comida aos animais, milhava plantas, consertava cercas, outras vezes se distanciava de tudo, escrevia ou lia até altas horas da noite [...]” (ALBUES, 1993, p. 50).

Em um desses momentos de solidão, João teve um encontro inusitado que o marcará profundamente:

Estava lendo debaixo do pequizeiro e quando suspendi os olhos vi trotando na minha direção, numa esteira de fogo um cavaleiro de armadura resplandecente. Me levantei para saudá-lo, esbocei um aceno, a voz se perdeu. Vem disse o jovem. Acopanei-o fascinado me distanciando do meu corpo que continuava sentado na pedra branca debaixo da árvore. Uma paz infinita chegando de mansinho me cercou de granulações prateadas aos poucos se transformando em feixes de luzes multicores, envervou, virou círculos girando sobre minha cabeça numa velocidade espantosa: “Teus padecimentos cessaram, em breve atravessarás a cordilheira da serenidade” – a predição ecoando na nova matéria que se torna a essência do meu ser. Me lembro que relutei em retornar ao meu corpo físico, mas me foi ordenado que o fizesse, que não era chegada a hora da travessia. [...] No Morro do Mirante vai meditar, três dias não dá notícia, voando num lençol de libélulas que o conduz a uma dimensão de seda fulgurante onde pontinhos de luzes piscam sem cessar, vida em gestação, estância de chegada ou partida? Volta muito calmo, moreno queimado, o olho mais verde, pele ressequida, o reflexo do enxergado fora da terra. (ALBUES, 1993, pp.53-54)

Depreendemos desses relatos algumas recorrências que se repetem e que comprovam tanto a vocação de João Padre para receber os dons xamanísticos como também aponta para o aspecto social do *self*. Trata-se da etapa final do processo de individuação.

Afastado e em contato com a natureza, meditar possibilita ao futuro xamane uma integração e harmonização necessárias com o meio em que se encontra. Nesse sentido, a posse, a penetração e a intimidade com a terra podem ser vistas no texto como “terra-penetrada”, imagem isomorfa da árvore. Aliás, é sob a copa de “pequizeiro” que a personagem tem uma de suas visões. Faz-se necessário, portanto, tecermos algumas considerações acerca desse cenário.

Sabe-se que, desde tempos imemoriais, a floresta representa o espaço da liberdade religiosa. No seu interior, realizavam-se várias cerimônias e, com suas plantas, preparavam-se poções mágicas. Lugar do oculto, do mistério e da magia, o espaço florestal representava a busca do saber e da origem. Por isso, a árvore elabora, junto aos elementos da floresta, uma constelação simbólica que remete para o arquétipo da origem e da descida, proporcionando o encontro do interior com o centro.

Nos rituais iniciáticos xamânicos isso se confirma, pois, segundo Eliade, todos eles são interdependentes de uma ideologia desenvolvida em torno da árvore, ou seja, “há relações místicas entre o xamã e sua árvore”. (2004, p. 151).

34

Ancorado nessas ideias, podemos afirmar que, no texto destacado, floresta – árvore – e raízes sugerem metamorfoses, referindo-se à lenta, porém, constante e progressiva criação de um novo ser em João Padre que será despertado para uma consciência transformada. Essa imagem de metamorfose se deve ao fato de que, no seu movimento para baixo e para o interior, as raízes revelam a ânsia de conhecimento da personagem; já no seu movimento para o alto, a árvore metaforiza o caráter de transcendência e de superação da materialidade que ele quer alcançar.

A transcendência, inclusive, fica patente na recorrência das imagens ligadas à luz e aos espíritos guias que falam com João Pedro. Todos esses aspectos, também, podem ser atribuídos à esfera do xamanismo, pois de acordo com Eliade (2000, p.91), o homem tocado pelo xamanismo acaba por obter a “luz” ou a “iluminação” é decisiva ao dar a ele uma nova sensibilidade que é a “percepção extra-sensorial”.

No texto, este aspecto é confirmado pelas luzes que circundam a personagem, seja através da imagem do “Espírito Santo” em forma de “um clarão” que “cortou o céu” em forma de “uma bola de fogo” e que se desloca “em velocidade vertiginosa”, ou de “labaredas vermelhas chispando ao som de uma voz compassada”. Em outros momentos, a personagem é tomada por uma “uma paz infinita chegando de mansinho” que o cerca “de granulações prateadas aos poucos se transformando em feixes de luzes multicores”.

Percebemos que essas visões descritas pela personagem são similares aos muitos relatos de “iluminação” que, segundo Eliade, o candidato à xamã tem que experimentar. Nessas experiências, o neófito sente, “subitamente no corpo, no interior da cabeça, no próprio âmago do cérebro, um inexplicável farol, um fogo luminoso” que o torna capaz de ver o que para outros está encoberto, e por isso “nada mais está oculto para ele”. (2000, p. 91).

Após esse encontro, tudo se torna mais límpido, uma vez que, depois da dor da Sombra, a certeza do *self* indica a ele o caminho, e “podemos ter esperança de uma solução criadora para o seu conflito, porque, agora, o centro psíquico vital está ativado (isto é, todo o ser encontra-se condensado em uma só unidade) de modo a vencer as suas dificuldades”. (VON FRANZ in JUNG, 2008, p.283). Assim, nos abismos profundos, João percebe que somente a derrota da Sombra, simbolizada pela superação da loucura, pode levá-lo de volta ao mundo da luz e dos seres humanos.

João Padre reconhece então que o seu ciclo de aprendizado terreno havia terminado. Entendia que todas as provas a que fora submetido tiveram como propósito aclarar seu entendimento e o transformar em algo maior do que ele mesmo. A revelação da travessia do último “portal” veio no momento em que Teodora, sua esposa, tecia uma rede nova para ele:

Teodora percebeu que alguma coisa o preocupava, parecia cismado com a rede, não atinava a razão, se era justamente ele quem vinha insistindo para que ela terminasse logo o trabalho. Em quinze dias a rede estava pronta, linda, o nome dele bordado na cabeceira, punhado de rosas soltas, no centro a figura dum cavaleiro cabelos soltos ao vento galopando um feroso cavalo, nas beiradas varandas largas com bambolins pesados completavam o trabalho de rara beleza, obra prima da tecelã que se esmerara para presentear o homem amado. Ele abraçou-a longamente, vou usá-la na viagem depois de amanhã, disse. Pra onde? Para a colina de Amah. Fazer o quê lá? Devo continuar meu aprendizado. E você tem mesmo que ir? Tenho. Por quê? Porque fui escolhido pra partir. (ALBUES, 1993, p.57)

Nesse fragmento, a relação simbólica que se procura estabelecer centra-se nas imagens arquetipais da tecelagem e da tecelã, já que a arte de transformar o algodão e as fibras em tecidos e tramas é milenar, carregada de simbolismo. A Tecelã é, também, uma imagem

arquetípica, frequentemente representada na arte e na literatura. Sua atividade aparece como um símbolo recorrente da criação, tanto do universo como da vida humana. O próprio Cosmos, segundo Eliade, é concebido como um tecido, como uma enorme rede. Para ele “no Cosmos, como na vida humana, tudo está ligado através de uma textura invisível [...] Certas divindades são as mestras desses ‘fios’ que [...] constituem uma vasta ‘amarração’ cósmica”. (ELIADE, 1991, p. 112).

Nessa perspectiva, o mistério primordial de tecer e fiar tem sido, geralmente, projetado sobre a Grande Mãe, a “Tecelã Primordial”. Como o “Grande Feminino”, ela abrange toda a natureza e, na condição de primeira forma de divindade, precede as representações masculinas.

Dessa forma, o trabalho de Teodora, na vivência do arquétipo da Grande Mãe como Tecelã do Destino, desempenhará um importante papel na superação da última prova iniciática de João Padre. Ao permitir que seu marido receba o resultado do seu trabalho, ou seja, a rede que acabara de fiar, Teodora concede a ele o poder de ser o sujeito de sua própria história.

Todavia, João somente pode sair da escuridão e do abismo se aceitar o que a *anima* lhe oferece. Ao aceitar a ajuda de Teodora, João Pedro encontra o único caminho para sua individuação: a integração do seu *self* com sua *anima*. Em João Padre, essa dimensão se coloca fundamental no trato com a sua esposa Teodora, pois ela é a sua

Anima [que] é a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique [da personagem] – os humores e sentimentos instáveis, as intuições proféticas, a receptividade ao irracional, a capacidade de amar, a sensibilidade à natureza e, por fim, mas nem por isso menos importante, o relacionamento com o inconsciente. (VON FRANZ in JUNG, 2008, p.253)

Pode-se afirmar que pela *anima* a personagem estabelece o contato com o seu inconsciente. No caso simbólico de João, quando este acaba de derrotar a sua Sombra, como já apresentamos, é justamente a *anima* que o levanta. Após completar sua batalha, na sua integração com a Sombra e no seu encontro com o Si Mesmo, é a *anima* que o leva de volta ao mundo social. É Teodora que o traz de volta ao mundo e, nesse processo, “a anima volta a ser o que era inicialmente – ‘a mulher no interior do homem’, transmitindo-lhe as mensagens vitais do *self*” (VON FRANZ in JUNG, 2008, p. 286).

Depois do sofrimento grave originado do confronto com a Sombra, a consciência de João Pedro está pronta para iniciar o grande caminho em direção à sua verdadeira e esperada realização. Assim, chega o momento de tomar uma decisão, pois a sua partida se aproximava. Mas, o amor à família ainda era o último fio que ainda o prendia na existência terrena. Entretanto, romper com esse amor é necessário para que João Padre possa cumprir o seu destino xamânico.

Minha partida se aproximava e eu não sabia prevenir Teodora. Sentia imenso pesar de me ausentar dela e dos filhos, mas o meu tempo expirava, tinha que me desfazer do casulo e seguir a jornada em busca do aperfeiçoamento do meu espírito. O amor pela família e amigos formava uma reserva de forças que me prendia nos limites do Tanque Fundo. Seria o amor uma espécie de adormecimento que enfraquece nossa determinação de avançar no caminho do conhecimento? Me atormentava com a passagem do tempo e também me alargava com a aproximação da hora em que alcançaria voo do meu corpo desnudando a centelha divina que em mim trazia. [...] Sem saber, Teodora me ajudava no processo de libertação de mim mesmo dispensando-me de justificativas, me aliviando da agonia do desenlace que se avizinhava, me fortalecendo o espírito para empreender a grande travessia da cordilheira da serenidade. Completava-se o meu ciclo, não me cabia mais aqui permanecer, o embate terminara [...] (ALBUES, 1993, pp.58-59)

O xamã, agora, está pronto para seguir sua viagem. Venceu todas as provas a que fora submetido para adquirir a posição que ora ostenta. Torturado, teve que assistir ao desmembramento de seu corpo através do atavismo da loucura, ou, como quer Eliade, “a superação da doença iniciática”. Sua descida até o abismo e sua confrontação com a Sombra o fizeram despedaçar sua antiga personalidade.

Nos Infernos, percorreu uma estada muito longa, durante a qual foi instruído, em seus retiros na mata, pelos espíritos e guias que encontrou por lá. Falta-lhe agora a última etapa, a “ascensão ao Céu a fim de obter a consagração do Deus do Céu”. (ELIADE, 2004, p. 154). Mas isso só poderá ocorrer na transcendência provocada por sua morte, e ela se confirma no relato de Ruiz sobre avistamento de João Padre. Nesse relato, o capataz afirma, para seu patrão, que *el brujo* não morrerá, pois o avistara “em carne e osso”.

Esmurrou a porta do capataz, vai logo desembuchando por que você não foi me chamar quando João Padre morreu? Ruiz não se intimidou com a investida do patrão, acabou de acender o cigarro de palha, sentou-se de cócoras, ofereceu o único mocho do rancho para Antenor. Não carece, quero escutar a sua história de pé. O senhor manda. Foi assim: Teodora chegou afrontada dizendo que eu fosse buscar o senhor em Livramento porque o marido tinha acabado de fechar o olho, falou e voltou correndo pra casa. Tomei um susto danado, imediatamente selei o cavalo e já estava colocando as esporas quando vi João Padre passar com uma braçada de livros, o cajado de canela, roupa branca, turbante branco, parou, me olhou, me cumprimentou sério, respondi, não tenho dúvidas, era ele em carne e osso, apenas não conversamos porque “el brujo” era assim, tinha dia que estava pra prosa, tinha dia que virava mudo, fechava a cara, dava até medo [...] Vi muito bem quando ele tomou a Estrada do Cristazal na direção das montanhas como sempre fazia. Então pensei, Teodora endoideceu, “el brujo” é mágico, conhece os mistérios do céu e da terra, sabe-se lá o que anda aprontando, não vou me meter na vivência do casal, uma coisa é certa ele tá vivinho, muito corado e cheio de saúde. (ALBUES, 1993, pp.58-59)

Assim, João Padre, no desejo de se tornar espírito, obtém essa condição transcendente ao se apropriar da única e verdadeira natureza do xamã, que é o de se manter na posição sobre-humana de poder gozar da liberdade, do poder e da sabedoria dos seres espirituais.

No plano simbólico, essa morte representa o processo final da individuação da personagem e se traduz como percepção usada para impedir que as mensagens que o Si Mesmo enviava para o consciente pudessem ser compreendidas. Agora, purificado pela chama e pelo abismo, integrado como aquele que enfrentou e atravessou a Sombra, João Pedro pode, finalmente, se estabelecer como João Padre, o líder de Livramento. Tal integração dos opostos é o verdadeiro sentido da individuação. Com isso, a morte já não será o fim, mas o recomeço de um longo caminho que se apresenta diante de si.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUES, Tereza. *Travessia dos Sempre Vivos*. Cuiabá: Editora da UFMT, 1993.

BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios do repouso*. Traduzido por Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Referência Thompson*: com versículos em cadeia temática. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Vida, 1997.

BOUCHER, Jules. *A Simbólica Maçônica*. Traduzido por Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Pensamento, 2011.

39

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 2007.

CHEVALIER, Jean; CHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Traduzido por Vera da Costa e Silva et al. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. Traduzido por Hélder Godinho. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. Traduzido por Maria Adozinda Oliveira Soares. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. *O mito do eterno retorno*. Traduzido por Manuela Torre. Lisboa: Edições 70, 1992.

\_\_\_\_\_. *Mitos, sonhos e mistérios*. Traduzido por Samuel Soares. Lisboa: Edições 70, 2000.

\_\_\_\_\_. *O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase*. Traduzido por Beatriz Perrone-Moisés e Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. *Ritos de Iniciação e Sociedades Secretas*. Traduzido por Isabel Debot. Lisboa: Êsquilo, 2004.

JUNG, C. G. *Memórias, sonhos e reflexão*. Traduzido por Dora Ferreira da Silva. São Paulo: Nova Fronteira, 1986.

\_\_\_\_\_. *Os arquétipos e inconsciente coletivo*. Traduzido por Maria Luiza Appy; Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008a.

LASCARIZ, Gilberto de. *Deuses e Rituais Inciáticos da Antiga Lusitânea*. Sintra: Zéfiro, 2009.

LEVY, Carminha. Terapia Xamânica e Fator de Auto-Cura. In: II Congresso de Terapias Alternativas, 1988, São Paulo. *Anais*. Disponível em: <<http://www.xamanismo.com.br/Aldeia/SubAldeia1205100509>>. Acessado em: 08 ago. 2012.

MALTEZ, José Adelino. *Abecedário Simbiótico: Um digesto político contemporâneo com exemplos sagrados e profanos*. Lisboa: Campo da Comunicação, 2011.

ROMEY, Georges. *Le Test De L'Arche De Noe*. Coleção: Ailleurs et Demain. Paris:

VON FRANZ, Marie-Louise. O processo de individuação. In: JUNG, Carl Gustav (Org.). *O homem e seus símbolos*. Traduzido por Maria Lúcia Pinho. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.